

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIANNE DE ALMEIDA FARIAS

**PINTURA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES - REFLETINDO SOBRE A
EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

PORTO ALEGRE

2017

MARIANNE DE ALMEIDA FARIAS

**PINTURA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES - REFLETINDO SOBRE A
EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Gabriel de Andrade Junqueira Filho

PORTO ALEGRE

2017

À minha mãe que mesmo não estando
mais aqui, me fez ser o que sou e ao
Érico que nos últimos anos me deu forças
para seguir em frente.

AGRADECIMENTOS

Nesse momento tão importante só me resta agradecer...

Primeiramente, gostaria de agradecer ao meu pai Pedro, que desde meus 14 anos tem sido meu pai e minha mãe, sempre fazendo de tudo para me ajudar. Ele é a minha base, e sinto-me orgulhosa de poder dar mais essa alegria para ele.

Agradeço do fundo do meu coração ao meu Professor Gabriel de Andrade Junqueira Filho por todo o apoio que me deu e por ter aceitado ser meu Orientador nesse trabalho, sua paixão pela Educação Infantil me inspirou muito durante as aulas que tive com ele, lá em 2012 e durante o Estágio.

Aos professores Analice Pillar e Rodrigo Saballa, por gentilmente aceitarem fazer parte da banca avaliadora desse trabalho, é uma honra ter meu trabalho avaliado por vocês.

Ao meu marido e amigo Gabriel, que esteve presente na maior parte da minha trajetória acadêmica, obrigado por toda a paciência que teve comigo durante esses anos. Com seu jeito próprio de ser, sempre me incentivou a concluir meus estudos e mesmo agora, estando longe, não deixou de me incentivar e motivar. Te amo muito.

À minha sogra Talita, que nesses últimos anos cuidou do Érico para que eu pudesse ir para a faculdade e sempre me ajudou em tudo.

Aos meus amigos e compadres Maria Letícia e Paulo Ricardo, por me apoiarem e me ajudarem em todos os momentos, inclusive na elaboração deste trabalho.

A minha querida sobrinha do coração Lia, que revisou este trabalho com toda a sua dedicação, desculpe pela correria. Te adoro!

Às minhas amigas Amábília, Mila e Su por sempre me darem força para concluir esse trabalho, mesmo quando eu estava sem saber como fazer, me desculpem pela ausência nos últimos meses.

A todos aos amigos e amigas que fiz durante esses 10 anos na FACED, não citarei nomes para não esquecer ninguém, mas vocês foram muito importante para que eu chegasse até aqui.

Iara, Juliane e Cláudia, servidoras da COMGRAD, pela ajuda que têm me dado, sem essa ajuda eu não estaria aqui, muito obrigada.

A todos os meus professores do Curso de Pedagogia, que foram muito importantes para a minha constituição como professora.

A todos os funcionários do “Xerox do Marcelo” que sempre me receberam com muito bom humor quando eu ia retirar os textos que precisava para as disciplinas.

A todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que eu chegasse até aqui, foi um caminho bem difícil, mas se não fossem por ter eles, não conseguiria.

Aos meus colegas Leonardo, Tânia e Carine, que tornaram esse último semestre tão tenso, mais alegres e leves, obrigado pelo apoio.

Enfim, é com grande alegria e felicidade que tenho a honra de apresentar-lhes o meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Pela ação continuada de pintar a criança
pode aprender a aprender
(RICHTER, 2004, p.58)

RESUMO

Este trabalho consiste na análise da minha prática como Professora-Estagiária do Curso de Pedagogia, realizada no segundo semestre de 2016, junto a uma turma de Maternal 1 (crianças na faixa etária de 2 a 3 anos), em uma Escola de Educação Infantil da Rede Pública de Porto Alegre. Dentre as inúmeras vivências significativas ao longo desse período, escolhi recobrar e analisar o Projeto de Pintura, elaborado a partir dos princípios das Linguagens Geradoras (JUNQUEIRA FILHO, 2011) e suas contribuições para a minha autoconstituição como professora da área de Educação Infantil. Trata-se, portanto, de um Estudo de Caso e teve como instrumentos de geração de dados o levantamento bibliográfico e a retomada, organização e análise de documentos produzidos durante o estágio obrigatório, como os planejamentos semanais, os projetos de parte cheia e de parte vazia do planejamento, parecer individual e caminhada de grupo, fotos, reflexões, anotações escritas sobre conversas com o meu supervisor, e lembranças do momento vivido. Quanto ao referencial teórico, busquei fundamentação em Cunha (2011, 2014), Gomes (2001) e Richter (2004, 2011, 2014), em relação às artes gráfico-plásticas, e em Fontana (2005), em relação a minha autoconstituição como professora. Ao longo das análises e reflexões por escrito, esta pesquisa me fez perceber que não nos tornamos professoras pelo simples fato de estarmos praticando nosso trabalho em sala de aula, mas pela reflexão sobre nossa prática docente e pelos estudos que fizemos e faremos durante toda nossa formação profissional.

Palavras-chave: Pintura. Formação de professores. Educação Infantil.

RESUMEN

Este trabajo es un análisis de mi práctica como Maestra-pasante del Curso de Pedagogía, realizado en el segundo semestre de 2016, hecho en una clase de primer año del segundo ciclo (niños de 2 y 3 años), en una Escuela de Educación Infantil de la Red Pública de Porto Alegre. Dentre las incontables experiencias significativas al largo de ese periodo, elegí recordar y analizar el Proyecto de Pintura basado en la teoría de Lenguajes Generadora (JUNQUEIRA FILHO, 2011) y sus contribuciones para mi auto constitución como maestra del área de Educación Infantil. Así que, este trabajo es Estudio de Caso y tuvo como instrumentos para generar datos el levantamiento bibliográfico y reanudación, organización y análisis de documentos producidos durante la pasantía obligatoria, como planeamiento semanal, guión de la parte llena, reflexiones, correos intercambiados con mi supervisor, caminata del grupo y fotos de los momentos vividos. A lo que se refiere al referencial teórico, busqué base en Cunha (2011,2014), Gomes (2001) e Richter (2004, 2011, 2014), en relación a las artes gráfico-plásticas, en Fontana (2005), en relación a mi auto constitución como maestra. Mientras hacía el análisis y reflexiones escritas, pude percibir que no nos tornamos maestras por el simple hecho de estarnos practicando nuestro trabajo en un aula, pero en la reflexión que hacemos sobre la práctica docente y en los estudios que hacemos durante toda nuestra formación profesional.

Palabras-clave: Pintura. Formación de maestros. Educación Infantil.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Fazendo a tinta caseira	37
Imagem 2 – Colocando corante na tinta.....	38
Imagem 3 – Pintura com os pés.....	42

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	METODOLOGIA.....	14
3	LINGUAGENS GERADORAS.....	17
4	PROJETO DE PARTE CHEIA DO PLANEJAMENTO: PINTURA	20
4.1	MUITO MAIS QUE ATIVIDADES DE PINTURA.....	20
4.2	APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE PARTE CHEIA: PINTURA.....	22
5	A IMPORTÂNCIA DA PINTURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	28
5.1	A LINGUAGEM GRÁFICO-PLÁSTICA	28
5.2	A PINTURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	30
5.3	A PINTURA E O MATERNAL 1	33
5.3.1	Situação de aprendizagem 1.....	36
5.3.2	Situação de aprendizagem 2.....	39
5.3.3	Situação de aprendizagem 3.....	41
6	E ASSIM, VOU ME CONSTITUINDO PROFESSORA.....	44
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS.....	51

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado da análise e reflexão sobre minha prática pedagógica no período do Estágio Curricular Obrigatório do curso de Pedagogia, realizado no segundo semestre de 2016, e revela como essa experiência contribuiu para minha autoconstituição como professora. Minha prática se deu em uma turma de Educação Infantil, mais precisamente em uma turma de Maternal 1, com crianças de 2 a 3 anos, numa escola pública de Porto Alegre.

Quando precisei escolher em que etapa de escolarização iria realizar meu estágio, escolhi a Educação Infantil devido ao meu interesse no desenvolvimento, tanto social como emocional e cognitivo, das crianças dessa idade.

Sob a Orientação do Professor Dr. Gabriel de Andrade Junqueira Filho, deparei-me com um novo modelo de planejamento e de projetos de trabalho, centrado nas Linguagens Geradoras, aos quais tivesse acesso apenas ao longo da disciplina Seminário de prática docente de 0 a 7 anos.

Ao mesmo tempo em que ia me familiarizando e me apropriando desse modelo, ia fazendo minhas primeiras escolhas, fundamentada na minha formação ao longo do curso de Pedagogia e das minhas observações em relação à turma. Durante as duas semanas de observação que antecederam o período de planejamento e prática, fiquei sabendo que as professoras da turma estavam trabalhando com as Artes, e a cada mês privilegiam uma para trabalhar com as crianças. A pintura ainda não havia sido contemplada e, portanto, elaborei um projeto para apresentá-la e desenvolvê-la junto às crianças.

Para embasar teoricamente o projeto sobre pintura e, conseqüentemente, as situações de aprendizagens que iria propor as crianças, procurei autores referência sobre o tema, entre eles, Sandra Richter (2004, 2011, 2014) com quem aprendi que a pintura é pouco explorada como conhecimento que permite outros modos de interação entre a criança e o mundo sendo, muitas vezes abordada apenas como um passatempo ou como modo de auxiliar na aquisição da motricidade fina, para futuramente a criança estar preparada para escrever. Assim como ela, acredito que a pintura é extremamente importante como estratégia de organização e apropriação de um pensamento simbólico em processo de constituição e em nenhum momento pode ser desarticulada das demais ações lúdicas das crianças.

Estudando os escritos de Susana Rangel Vieira da Cunha (2011,2014), me deparo com afirmações como a de que, para falar em Pintura e desenvolver atividades relevantes com as crianças, é preciso primeiro falar do Ensino de Artes na educação Infantil. Com esta autora também aprendi muito sobre como o professor poderá criar situações que possibilitem o desenvolvimento da linguagem gráfico-plástica, e que essas situações serão tão mais significativas, tanto às crianças quanto ao professor, quanto mais os professores conheçam e entendam a gênese do desenvolvimento gráfico-plástico, podendo, ao acessar esse conhecimento, organizar situações de aprendizagens que vão ao encontro das necessidades das crianças.

No Capítulo 2, apresento a metodologia de pesquisa utilizada, que foi o Estudo de Caso, em que tomei minha experiência de estágio como objeto de investigação. Para tanto, foram recobrados e analisados documentos produzidos durante o Estágio Obrigatório e a disciplina Seminário de Prática Docente de 0 a 7 anos, a saber, meus planejamentos semanais, projetos de parte cheia e de parte vazia do planejamento, parecer individual e caminhada de grupo, além de reflexões e anotações feitas ao longo das conversas com meu supervisor de estágio, bem como fotos e minhas memórias sobre os momentos vividos.

Sendo assim, no capítulo 3, abordo os princípios de planejamento das Linguagens Geradoras (JUNQUEIRA FILHO, 2011), que fundamentaram a elaboração, implementação e avaliação dos projetos sobre Pintura, Desenho e Música, desenvolvidos ao longo do estágio. No entanto, neste trabalho de conclusão de curso, relatarei e analisarei apenas o projeto sobre pintura.

No Capítulo 4, apresento o Projeto de Parte Cheia do planejamento sobre Pintura, pois considero ter sido a experiência mais significativa, tanto para a minha autoconstituição como professora, quanto para a relação das crianças com um objeto de conhecimento, com uma linguagem, entre as diversas vivências durante o Estágio Obrigatório.

No Capítulo 5, argumento sobre a importância do trabalho com a linguagem gráfico-plástica utilizando como marco teórico os estudos de Susana Rangel Vieira da Cunha (2011,2014) e Sandra Richter (2004, 2011, 2014) e Paola Basso Mena Barreto Gomes (2001), autoras referência nesta área, bem como o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), documento que apresenta um conjunto de reflexões de cunho educacional sobre objetivos, conteúdos e

orientações para os educadores que atuam diretamente com crianças de 0 a 6 anos. Ainda neste capítulo, apresento três situações de aprendizagem relativas ao projeto sobre pintura, que considero as mais significativas para mim, analisando os contextos em que elas foram propostas e as interações das crianças com elas.

No Capítulo 6, reflito sobre a minha autoconstituição como professora de educação Infantil, na relação com a elaboração, implementação e avaliação do projeto sobre Pintura, dialogando com autores que refletem sobre a formação de professores, como Roseli Cação Fontana (2005), Vigotsky (1987) e Hickmann (2002), procurando assim elaborar respostas para a pergunta que orientou a realização dessa pesquisa: *“No Cotidiano de uma sala de aula de Educação Infantil, em uma turma de Maternal 1, com crianças de 2 a 3 anos, quais foram as contribuições de uma prática pedagógica centrada na linguagem das artes visuais, mais precisamente a Pintura para a minha autoconstituição como professora dessa área?”*.

Por fim, nas Considerações finais, faço as últimas ponderações sobre os momentos mais significativos do estágio e sobre a importância de recobrá-lo nesse momento de elaboração do trabalho de conclusão do curso, oportunidade em que pude ressignificar muitas coisas, entre elas, o quanto é importante para os professores, sempre buscar se apropriar das linguagens que estão desenvolvendo com seus alunos, considerando que o fazer docente é um ato de constante busca de conhecimento.

2 METODOLOGIA

Para elaborar este Trabalho de Conclusão de curso, utilizei como metodologia o Estudo de Caso, pois se refere à análise da minha prática pedagógica como Professora Estagiária do Curso de Pedagogia em uma instituição de Ensino da Rede Pública de Porto Alegre. Estágio esse, que era uma etapa obrigatória para a diplomação como Pedagoga.

Gil (1991) em seu livro *Como elaborar projetos de pesquisa*, afirma que a coleta de dados no estudo de caso pode ser feita mediante a utilização dos mais diversos procedimentos.

Adelman (1976) mostra que o Estudo de caso “é um termo amplo, incluindo uma família de métodos de pesquisa cuja decisão comum é o enfoque numa instância” (ADWLMAN,1976 p.5) neste caso, a instância é a turma que realizei o Estágio Curricular Obrigatório.

Ao fazer esta pesquisa, constatei a importância que o exercício de reflexão tem para a busca de soluções para nossas indagações, no caso deste trabalho, busquei pesquisar, através de autores referencias na área da linguagem gráfico-plástica, de que formas eu poderia fazer um trabalho pedagógico melhor e com mais apropriação dos conteúdos escolhidos, visto que durante o estágio não me apropriei dos conceitos do modo que seria desejado.

Acredito que todo professor deve ser um pesquisador, pois diante dos desafios da profissão, é preciso que através da pesquisa, busquemos romper o estigma de que o professor é o detendor de todo saber e nos vermos, além de produtores e mediadores de conhecimentos, como alguém que não sabe e quer e precisa saber como acessar conhecimentos fundamentais à organização da sua prática cotidiana.

O modelo de pesquisa utilizado para a realização desse trabalho foi a de análise documental que consiste em uma série de operações que visam estudar e analisar um ou vários documentos.

Para a geração de dados, foi feito levantamento bibliográfico, acerca dos temas abordados no trabalho – mais especificamente, sobre pintura, formação de professores e planejamento na educação infantil –, bem como a análise dos documentos que compõem o relatório final do estágio curricular obrigatório, a saber, os planejamentos semanais, os projetos de parte cheia e de parte vazia do

planejamento, a caminhada individual e a de grupo dos alunos da turma, reflexões sobre aspectos significativos da trajetória do estágio, todos eles a pedido e sob a supervisão do professor e supervisor de estágio, ao longo da disciplina *Seminário de Prática Docente de 0 a 7 anos*, além de anotações por escrito de conversas com o meu supervisor de estágio e fotos produzidas por mim durante esse período.

A análise desses documentos que possibilitaram recobrar minha prática ao longo do estágio orientou-se diante da seguinte pergunta: “Como o trabalho como professora-estagiária de uma turma de Maternal 1, centrada na linguagem das artes gráfico-plásticas, mais precisamente a Pintura, contribuiu para a minha autoconstituição como professora da área da Educação Infantil? Trata-se de uma pergunta diferente da elaborada para o projeto de Pintura, ainda que tenham alguns aspectos em comum, principalmente, porque o projeto era algo que estava por realizar e, agora, ao escrever este trabalho de conclusão de curso, me remeto a algo que já aconteceu e que contribuiu para a minha formação como professora de educação infantil.

Ao longo do meu estágio curricular obrigatório me deparei com situações que foram muito desafiadoras e que me proporcionaram momentos de reflexão para saber se minhas escolhas e o modo como eu estava agindo era o mais adequado. E também sobre como as minhas atitudes estavam influenciando o desenvolvimento e as aprendizagens das crianças.

Desse modo, foram selecionadas algumas situações vividas durante o Estágio que ilustram como se deram minhas aprendizagens em relação à Pintura. Estou me referindo, mais precisamente, ao aprendizado de elaborar, colocar em prática e avaliar o Projeto de Pintura, da parte cheia do planejamento.

Ao voltar para os documentos e leituras realizadas, foi possível selecionar 3 momentos mais significativos, que me fizeram refletir sobre o modo como conduzi meu estágio.

O primeiro deles, diz respeito à produção de tinta caseira, com o objetivo de que as crianças conhecessem as cores primárias e secundárias, essa foi a primeira situação de aprendizagem que fizemos juntos, e que possibilitou que eu conhecesse melhor o grupo em que atuava. O segundo momento refere-se há uma situação que não foi do jeito que eu esperava, mas que gerou muita aprendizagem, pois, a partir dela, pude mudar de modo significativo o meu planejamento. A intenção inicial era de, ao longo do projeto de pintura, mostrar para as crianças as obras de vários

artistas famosos, a começar por Candido Portinari, perspectiva que acabou sendo eliminada do projeto, em decorrência da primeira tentativa com as obras de Candido Portinari. O terceiro e último momento diz respeito à pintura com os pés, onde me senti muito desafiada, visto que até aquele momento, nunca tinha visto e vivido uma situação de aprendizagem daquele modo, o que possibilitou momentos significativos tanto para mim, quanto para as crianças do grupo. Todos esses momentos serão analisados com maior ênfase no capítulo 4, juntamente com a fundamentação teórica utilizada.

3 LINGUAGENS GERADORAS

Nas primeiras orientações de Estágio, me foi apresentado um modelo de planejamento ao qual eu não estava familiarizada, o planejamento baseado nas Linguagens Geradoras. Essa concepção de planejamento e avaliação do professor, com ênfase na seleção e articulação de conteúdos, foi criada por Gabriel de Andrade Junqueira Filho, originalmente para a Educação Infantil, e tem como objetivo instrumentalizar o professor para descobrir o que as crianças querem e precisam saber.

Junqueira Filho (2011, p. 11) questiona,

como descobrir os conteúdos programáticos mais significativos às crianças na escola de Educação Infantil? (...) aqueles conteúdos que lhes fazem sentido e, por isso conseguem o consentimento das crianças para prestarem atenção em suas próprias realizações e funcionamentos, bem como nos funcionamentos, nas produções e nas realizações de seus colegas, de sua professora e do mundo.

Segundo o autor e sua perspectiva de planejamento, o processo de seleção e articulação de conteúdos programáticos em Educação Infantil deve acontecer a partir de dois momentos e de dois sujeitos distintos. O primeiro sujeito é o professor, que toma para si a responsabilidade e a tarefa de escolher o que considera imprescindível que seja apresentado do mundo às crianças e faz essa seleção por meio de suas crenças, hipóteses, formação acadêmica e prática de trabalho como professor. E o primeiro momento, é quando começa a planejar seu trabalho, antes mesmo de conhecer as crianças da sua turma, pesquisando seus nomes, conversando com os pais, lendo relatórios individuais dessas crianças, elaborados por seus professores dos anos anteriores, por exemplo. Nesse momento, as escolhas da professora são feitas correndo todo o risco de não irem ao encontro dos interesses e necessidades das crianças que serão seus alunos e alunas assim que começarem as aulas, mas isso não o impede de levantar hipóteses e fazer escolhas, fundamentado em todo seu conhecimento sobre as crianças da faixa etária com que vai trabalhar. A professora seleciona as diferentes linguagens até então indicadas para compor, organizar, articular, a rotina com a qual aguardará seus alunos, é o momento de realizar as primeiras escolhas de conteúdos, produzir a primeira parte do planejamento, assim sendo a Parte Cheia do Planejamento.

Cheia de que? Cheia de professora pelas primeiras escolhas feitas por ela para receber as crianças e essas continuarem a dialogar e a produzir a história daquele grupo, sob sua coordenação e responsabilidade.

Uma professora não pode aguardar seus alunos sem pensar algo para eles, sobre eles- mesmo não os conhecendo ainda-, correndo todos os riscos de acertos e erros em relação às hipóteses que produzem sobre o grupo de alunos que está prestes a conhecer. O professor, pela sua formação, já tem uma carga teórico-prática que lhe indica as próprias crenças e possibilita que faça escolhas e seleções

O segundo sujeito são as crianças que compõem a turma dessa professora ou professor que, assim que chegam à escola, irão interagir umas com as outras e com a professora, a partir da rotina e do planejamento que a professora elaborou previamente para aguardá-las e começar a se apresentar às crianças e a conhecê-las. O segundo momento do planejamento, portanto, se dá pela leitura feita pela professora sobre as interações das crianças com o planejamento elaborado e posto em prática por ela, visando à geração de dados sobre as crianças, dados esses que lhe possibilitarão dar continuidade ao seu planejamento, fundamentado no que vai aprendendo sobre as crianças, a partir das diferentes linguagens com que se comunicam, se expressam e representam a si mesmas e o mundo. Esse segundo momento do planejamento possibilita que a professora confirme ou não suas hipóteses em relação às escolhas feitas inicialmente para as crianças e possibilita também que a professora passe a planejar em conjunto com as crianças, podendo contemplar aspectos e temas até então impensados por ela, mas que se indicam como prioritários, na relação com as realidades dinâmicas das crianças.

A concepção de conteúdo-linguagem – de conteúdo como linguagem – apresentada por Junqueira Filho (2011) é fundamentada na teoria do semioticista norte americano Charles Sander Peirce (1995), que entende que cada uma das linguagens, verbais ou não verbais, tem sua estrutura, seu conjunto de regras e princípios de funcionamentos próprios. Segundo Junqueira Filho (2011), seria importante que na escola de educação infantil fossem trabalhadas, por exemplo, conteúdos-linguagens como:

- a. Linguagem verbal (oralidade e escrita);
- b. Linguagem espaço-temporal (aqui, lá, agora, depois, etc.);
- c. Linguagem plástico- visual (desenho, pintura, modelagem, etc.);

- d. Linguagem sonoro-musical (sons da natureza, sons da cultura, sons do corpo, música ouvida e cantada).

Esses e tantos outros conteúdos-linguagens que fazem sentido ao professor serão arrolados numa parte do planejamento que o autor denomina parte cheia do planejamento, e sobre ela, e também sobre a parte vazia do planejamento, conversaremos a seguir.

4 PROJETO DE PARTE CHEIA DO PLANEJAMENTO: PINTURA

Aqui será apresentado o projeto de parte cheia do planejamento utilizado e reflexões sobre o trabalho com pintura na educação infantil.

4.1 MUITO MAIS QUE ATIVIDADES DE PINTURA

Antes de apresentar o projeto de parte cheia sobre Pintura, considero importante dizer que, quando pensamos no que propor para nossos alunos, mais do que pensar em “atividades”, seria fundamental pensar em “situações de aprendizagens”. Aprendi a diferença entre essas duas expressões e suas conseqüências na ação pedagógica do professor durante o estágio obrigatório do curso de Pedagogia. Pode parecer que é uma simples mudança de palavras, mas

a primeira diz respeito às relações que estabeleço entre atividade, os princípios do currículo por atividades e a apropriação e disseminação, em prática até os nossos dias pelos professores da Educação Infantil, dos princípios de seleção e articulação de conteúdos; a segunda se refere a reafirmar a Educação Infantil como espaço e tempo de aprendizagem para e entre as crianças e adultos, intermediados pelo mundo (JUNQUEIRA FILHO, 2011, p.49).

O termo “atividade” refere-se às práticas que, infelizmente, estamos acostumados a ver nas escolas de Educação Infantil. Pois, quem de nós já não viu nos corredores das escolas ou/e na própria sala de aula trabalhos realizados com as crianças sobre alguma data comemorativa? Essas atividades muitas vezes não fazem sentido nem mesmo para as professoras que as praticam, porque são atividades feitas apenas para preencher o tempo ou, em alguns casos, realizadas por ordem de seus superiores.

Outro exemplo recorrente que pode ser mencionado quando pensamos no termo “atividade” é quando, ao planejarmos nossa prática, muitas vezes nos preocupamos em estar sempre ocupando as crianças com alguma atividade, sem às vezes nem ao menos considera-las como estratégias para conhecer seu grupo de alunos, para gerar dados sobre as crianças no decorrer das interações delas com as atividades que propomos. Quando isso acontece, a meu ver, estamos mais preocupados em preencher o tempo com aquilo que pensamos ser importante, do que conhecer o que as crianças percebem, expressam e apreendem sobre o que estamos propondo a elas, muitas vezes deixando passar temas, questões e

aspectos importantes que poderiam revelar muito sobre elas, seja do ponto de vista dos seus interesses e necessidades ou em relação às suas características de desenvolvimento e aprendizagem.

O termo “situação de aprendizagem”, por outro lado, diz respeito à quando uma professora apresenta e coloca intencionalmente as crianças para interagirem com um objeto de conhecimento-linguagem (JUNQUEIRA FILHO, 2011, p.52). Um exemplo de exercício que pode ser citado como tal é a pintura, já que ela pode ter o objetivo de gerar dados sobre as crianças para que se possa aprender um pouco mais sobre cada uma delas a cada vez que elas interagem e, conseqüentemente, aprendem o objeto de conhecimento-linguagem em questão. A situação citada pode resultar em elementos que possibilitem ao professor planejar as etapas seguintes do trabalho e de sua ação pedagógica.

Veamos um exemplo ocorrido durante o meu Estágio: nas situações em que apresentei a Pintura às crianças, pude observar o modo como elas interagiam com as tintas, os pincéis, as mãos, os papéis, o espaço dos suportes nos quais pintavam. A partir dessas observações fui gerando novos conhecimentos sobre elas, entendo, na prática, que o professor pode e precisa aprender muito sobre as crianças a partir das situações que propõe a elas, relativas a qualquer objeto de conhecimento, neste caso, a pintura. Assim, entendi, porque vivi muito claramente que enquanto as crianças conheciam a pintura, eu conhecia as crianças, que pintavam. E isso só foi possível porque me planejei para olhar atentamente para as crianças nas interações com a pintura. Ao contrário, se apenas tivesse proposto a pintura como uma “atividade”, ou seja, com o objetivo de passar o tempo e justificar o uso de itens da lista de materiais requisitada aos pais, enviando a pintura na pasta de produções das crianças, ao final do semestre, isso não teria acontecido.

Faz parte do projeto de Parte Cheia sobre Pintura uma seção dedicada às situações de aprendizagem, que possibilitam que esse conteúdo-linguagem seja apresentado às crianças e posto em prática pela professora e, dessa maneira, abrir espaço para que conheçamos um pouco mais a nós mesmos, uns aos outros e a linguagem da pintura.

Ao estudar sobre o ensino da arte na Educação encontro dois tipos de concepções: a abordagem espontaneísta e a abordagem pragmática (CUNHA, 2014, p.22). A primeira argumenta que o professor acredita que a criança tem capacidade inata para elaborar a linguagem gráfico-plástica e assim, a tarefa do

professor é apenas encaminhar esse processo por meio de atividades livres, sem nenhuma intervenção pedagógica. Já na abordagem pragmática, o professor utiliza as atividades gráfico-plásticas para desenvolver a motricidade fina e preparar a criança para a prática da escrita. Nessa segunda concepção, as atividades pedagógicas são elaboradas e propostas a fim de que as crianças, por exemplo, recortem sobre linhas pré-indicadas pela professora, ou pintem dentro de formas geométricas ou de desenhos elaborados por adultos, entre outras atividades, que, a meu ver, não fazem nenhum sentido para as crianças e, tampouco, para mim.

Sobre as concepções abordadas, Cunha (2014, p.25) afirma que elas “desconsideram que o conhecimento se dá por meio da mediação criança-meio, em que a criança reconstrói seus conhecimentos a partir de trocas significativas com outros saberes, com seus pares e com os adultos”. Em concordância com a autora, acredito que nenhuma dessas abordagens contempla os objetivos que considere ao trabalhar com Pintura com as crianças da turma na qual estagiei, aliás, estendo minha afirmação a qualquer outra linguagem gráfico-plástica, entendendo que não se trata de um trabalho de atividades soltas e fragmentadas, com, no máximo, o objetivo de que apenas as crianças aprendam algo ao realizá-las, mas sim de situações de aprendizagens articuladas que, propostas intencionalmente, em conjunto, possibilitem a produção de conhecimentos tanto sobre os sujeitos que interagem com a linguagem, quanto sobre a linguagem propriamente dita.

Segundo os princípios das Linguagens Geradoras (JUNQUEIRA FILHO, 2011), é por isso que tanto o professor, quanto as crianças e a linguagem, neste caso a Pintura, são considerados conteúdos, porque são passíveis de serem lidos, (re) significados e aprendidos.

A seguir, apresento o Projeto de Parte Cheia do planejamento sobre Pintura, elaborado e posto em prática durante o Estágio obrigatório. No decorrer deste trabalho de conclusão de curso, pude me dedicar a novas leituras e reflexões, que me possibilitaram qualificá-lo um pouco mais.

4.2 APRESENTAÇÃO DO PROJETO DE PARTE CHEIA: PINTURA

O projeto a seguir foi elaborado de acordo com o roteiro indicado por meu supervisor de estágio e também orientador deste trabalho de conclusão de curso, no segundo semestre de 2016.

- **Universo do tema:**

Artes-Linguagem gráfico-plásticas (CUNHA, 2014).

- **Recorte do tema:**

Pintura na Educação Infantil, com crianças de 2 a 3 anos.

- **Pergunta de Pesquisa:**

Como elaborar um projeto para trabalhar a linguagem gráfico-plástica, mais precisamente, a Pintura, com crianças de 2 a 3 anos, que possibilite que elas possam vivenciar e experienciar essa linguagem em todas as suas dimensões?

- **Origem da Pergunta de Pesquisa:**

Durante as semanas de observação na turma Maternal 1 A, soube que as professoras estavam trabalhando diferentes linguagens com as crianças, cada uma em um mês. Como ainda não tinham trabalhado com a Pintura, e por ser uma linguagem que, por suas características – sensoriais, envolvendo cores, formas, movimentos, texturas, misturas, experimentações, combinações, diversidade de materiais, ludicidade – vai ao encontro da fase exploratória vivida pelas crianças dessa faixa etária, considerei que seria uma escolha das mais importantes, tanto para elas quanto para mim, que trabalharia, pela primeira vez, essa linguagem com crianças.

Particularmente, tenho um gosto especial pelas artes gráfico-plásticas, me dedicando mais especificamente ao artesanato feito com materiais como E.V.A e Feltro. No entanto, eu também nunca havia pensado na possibilidade de considerar a pintura e as demais linguagens gráfico-plásticas como conteúdos, como objetos de conhecimento, na medida em que, como, provavelmente, na maioria das escolas de Educação Infantil, utilizava-as como uma estratégia para atingir outros objetivos, como a preparação para a alfabetização, por exemplo. Dessa maneira, elaborar um projeto de parte cheia sobre pintura foi um dos desafios mais estimulantes do período de estágio e, vencido o desafio, tenho o prazer de compartilhar parte do que realizamos nessa segunda oportunidade que é o tcc.

- **Justificativa:**

A arte tem um papel muito importante na construção do indivíduo, ela ajuda no desenvolvimento crítico, da imaginação e também é uma forma divertida para trabalharmos assuntos que são importantes para a vida. Acredito também, que ao interagirem com essa linguagem – a pintura – e a diversidade de materiais que

utilizaremos para conhecê-la, as crianças desenvolverão mais sua concentração e imaginação.

A pintura, assim como outras linguagens gráfico-plásticas, possibilita que a criança expresse do seu modo o que está imaginando e resignifique o que está sendo apresentado a ela. No entanto, é preciso considerar algumas particularidades, como nos lembra o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998):

O trabalho com as Artes Visuais na educação infantil requer profunda atenção no que se refere ao respeito das peculiaridades e esquemas de conhecimentos próprios à cada faixa etária e nível de desenvolvimento. (BRASIL, MEC/SEF,1998).

Ou seja, para que eu possa proporcionar situações de aprendizagens que façam sentido para as crianças, é preciso estudar e buscar referenciais teóricos para elaborar um projeto inteiro, não visando de maneira exclusiva e fragmentada as situações de aprendizagem. Atividades estas que serão elaboradas a partir de tudo o que irei pesquisar, estudar, refletir, entender e ressignificar sobre pintura até então. Isto é, faz-se necessário que eu me prepare da melhor maneira possível, caso contrário, a experiência pode ser frustrante tanto para as crianças, quanto para mim.

- **Objetivos:**

Muitos seriam os objetivos para explorar um projeto de pintura junto às crianças dessa faixa etária, no entanto, para o período de estágio, privilegiei os seguintes:

- Proporcionar as crianças interações significativas com a pintura, possibilitando a manifestação de atitudes prazerosas, de imaginação e criatividade, encorajando-as e estimulando-as a produção artística.
- Utilizar diferentes materiais necessários às produções de pintura, explorando suas características para que se familiarizem com esses recursos que lhes possibilitam se expressarem por meio dessa linguagem.
- Ampliar o olhar das crianças sobre si, sobre a pintura e sobre o mundo, a partir de suas interações com a linguagem da pintura.
- Conhecer e cultivar diferentes movimentos das mãos e do corpo, na elaboração das produções com pintura.

- **Marco teórico:**

Inicialmente, quando pensei no projeto de Pintura, tinha em mente que o ideal seria levar obras de artistas famosos e mostrar para as crianças, julgando que com

isso elas iriam se interessar por pintura. Mas já nos primeiros dia do Estágio Curricular Obrigatório, vi minha iniciativa frustrada. Em uma das situações de aprendizagens propostas por mim, mostrei imagens de obras de Candido Portinari para as crianças. Escolhi as obras em que o artista pintou crianças em situações de brincadeiras – de roda, na gangorra, empinando pipa, jogando futebol –, considerando que, dessa maneira, haveria uma identificação e interesse das crianças. Mesmo assim, elas não mostraram o interesse que eu esperava. Logo, fui em busca de autores que me ajudassem a ressignificar minha concepção sobre pintura, a estudá-la como objeto de conhecimento, como linguagem, o que, conseqüentemente, me possibilitou elaborar um projeto de pintura para as crianças a partir de uma outra abordagem, em que eu apresentasse ludicamente a Pintura as crianças da faixa etária do grupo no qual iria estagiar, crianças de 2 a 3 anos.

Lendo Sandra Richter (2004), por exemplo, pude notar que, nas minhas hipóteses iniciais para compor um projeto de pintura para crianças, não estava levando em conta aspectos como a sensibilidade e a imaginação, fundamentais ao fazer criativo. Ou seja, a autora me ajudava a entender um pouco mais os argumentos de Junqueira Filho (2011) sobre a diferença entre atividades e situações de aprendizagem. Da mesma maneira, conseguia articular os argumentos de Richter (2004), as abordagens espontaneísta, com a pragmática sobre pintura citadas por Cunha (2014). Fazendo uma crítica severa ao trabalho realizado nas escolas em nome da pintura, Richter (2004) argumenta:

A pintura não ocorre na escola. Nem como mediação pedagógica organizada e organizadora de ações e reflexões com a cor, muito menos como ato inter-relacionado com a experiência estética e o contexto histórico. A cor não existe na escola; nem como imagem pictórica nem como matéria transformadora pelo gesto poético de um corpo sensível que pensa (RICHTER, 2004, p.15).

A autora, ao longo de sua obra, nos faz (re)pensar sobre a prática da pintura, pouco e equivocadamente utilizada na maioria das escolas. Mas saber apenas que a pintura é importante para o desenvolvimento de aspectos fundamentais da educação das crianças não é o bastante se não soubermos como explorá-la da melhor forma possível. Por exemplo, de que maneira conseguir que as crianças se familiarizem com os pincéis, tintas, superfícies e demais recursos materiais que utilizamos na pintura. E foi buscando indicações para refletir sobre esse aspecto do projeto que me deparei com os escritos de Paola Basso Menna Barreto Gomes (2001), com

quem aprendi quais materiais são necessários e como compor e organizar o espaço para lidarmos com a pintura com as crianças:

O trabalho Artístico é importante para que as crianças aprendam a explorar o mundo à sua volta. Existem inúmeros materiais que utilizamos como recurso de expressão, que nos auxiliam a criar coisas e a colocar um pouco daquilo que somos no mundo (GOMES, 2001, p. 109).

A Arte tem a capacidade de possibilitar o desenvolvimento de atitudes, de habilidades, do senso crítico, da sensibilidade e da criatividade, proporcionando às crianças uma leitura do mundo e de si próprias, e de conhecerem, inclusive, suas limitações e dificuldades, mas também de explorarem suas potencialidades e habilidades.

Minha intenção com este projeto é a de possibilitar que as crianças utilizem todos os materiais que já conhecem, como tinta guache, pincéis e folhas de ofício, mas de um modo diferente. E também de apresentar a elas materiais e situações novas de interação com a linguagem da pintura, para que possam ampliar seus saberes durante suas produções com a pintura.

- **Metodologia e Situações de Aprendizagem:**

O Projeto de Pintura desenvolveu-se durante todo o período de estágio paralelamente a outros projetos, tanto da parte cheia quanto da parte vazia do planejamento, quando realizamos diversas interações, vivências e explorações com a pintura, e seus materiais expressivos. Em cada uma das situações apresentadas, foi possível aprender muito sobre as crianças e avaliar os aprendizados de cada uma delas em relação a essa linguagem. Algumas dessas aprendizagens, tanto delas quanto minhas, serão expostas no capítulo a seguir. E abaixo, segue a lista das situações de aprendizagem elaboradas por mim e propostas às crianças, tanto as que produziram frustração, porque não consegui que fizessem sentido às crianças, quanto as que contaram com a adesão e o envolvimento delas:

- Confeção de tintas caseiras: com água e farinha, erva-mate, açafraão, café, urucum;
- Contação de História do Livro Bom Dia Todas as Cores – de Ruth Rocha;
- Obras de artistas famosos;
- Pintura com tinta guache;
- Pintura em Tecido;

- Pintura em argila;
- Pintura na vertical;
- Pintura com os pés;
- Manuseio de pincéis, esponjas, potes de Yakult, que possibilitaram a pintura;
- Pintura Coletiva no pátio da Escola;
- Pintura com os dedos;
- Pintura e Colagem em Caixas de papelão;
- Pintura de Pinhas de Natal;
- Para finalizar o projeto, fizemos um bolo colorido utilizando as cores da beterraba, espinafre e cenoura.

5 A IMPORTÂNCIA DA PINTURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Aqui será apresentado o projeto de parte cheia do planejamento utilizado e reflexões sobre o trabalho com pintura na educação infantil.

5.1 A LINGUAGEM GRÁFICO-PLÁSTICA

Antes de falar sobre o projeto de Pintura realizado no meu Estágio Curricular Obrigatório, é preciso falar sobre a linguagem gráfico-plástica em geral e como ela é importante na Educação Infantil.

Para começar o projeto, foi preciso me ater as peculiaridades próprias de desenvolvimento de crianças de 2 a 3 anos, faixa etária em que realizei meu estágio. Para isso, recorri ao Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, que diz:

No processo de aprendizagem em Artes Visuais a criança traça um percurso de criação e construção individual que envolve escolhas, experiências pessoais, aprendizagens, relação com a natureza, motivação interna e ou externa. (BRASIL, MEC/SEF, 1998).

Isto implica dizer que, cabe ao professor enriquecer, de forma intencional, o interesse da criança, mas cabe à ela realizar a sua criação artística. É no fazer artístico e no contato com os objetos que a criança irá se apropriando do conhecimento. As situações de aprendizagens criadas para serem apresentadas as crianças, devem envolver os mais variados tipos de superfícies, instrumentos, suportes para que elas possam, primeiro através da exploração sensorial e da sua utilização em brincadeiras, perceber que esse material pode ser transformado em outros materiais.

É com o contato direto e contínuo com as linguagens gráfico-plásticas que a criança vai constituindo o seu fazer artístico, com o auxílio do professor, o qual precisa fazer intervenções que as estimulem.

Desse modo, é fundamental que o professor conheça e compreenda a gênese do desenvolvimento gráfico-plástico para poder organizar e planejar situações de aprendizagem que supram as necessidades infantis e possibilitem que estimulem seu senso crítico e imaginação, não é apenas, por exemplo, levar papel e lápis considerando que, ao oferecê-los ou pedir que produzam algo com esses materiais, a criança se interessará pelo desenho. As representações visuais dos

professores influenciam de forma determinante a maneira como as crianças irão se apropriar da linguagem da pintura – e do desenho, da modelagem, da escultura, etc:

É fundamental que os educadores infantis se deem conta de que suas representações visuais influem no modo como as crianças produzem sua visualidade. Para que as crianças tenham possibilidades de desenvolverem-se na área expressiva, é imprescindível que o adulto rompa seus próprios estereótipos, a fim de que consiga realizar intervenções pedagógicas no sentido de trazer a tona o universo da expressão infantil (CUNHA, 2011, p.8).

Isso se dá quando nos damos conta da nossa própria aprendizagem na infância, quando, normalmente, não éramos instigados à desenvolver essa linguagem pois a escola priorizava (e infelizmente continua priorizando) a linguagem verbal em detrimento da linguagem gráfico-plástica. Onde, por exemplo, a pintura e o desenho servem apenas como treinamento para desenvolver habilidades que servirão para constituição da escrita. Assim, acabamos tornando recorrentes as imagens de flores, sol, nuvens, árvores, etc. Passando assim a ensinar aos nossos alunos que isso é o que mais importa, e que se eles conseguem distinguir esses elementos, pintar a árvores com as cores ditas normais, como o verde das folhas e o marrom do tronco, nosso trabalho em relação às artes gráfico- plásticas está completo.

Ensinar a ver o implícito e o velado é uma das atribuições do ensino da Arte (CUNHA, 2011, p.10) e só conseguiremos ensinar isso através de intervenções que signifiquem algo para às crianças, que as instiguem à usar o seu imaginário ao invés de olharmos seus rabiscos e perguntarmos o que ela quis desenhar. Essa demanda dos adultos faz com que a produção da criança saia do campo imagético e vá para o campo realista apenas para satisfazer as expectativas dos adultos.

Ao propormos situações de aprendizagens que envolvem conhecimentos da linguagem gráfico plástica, devemos fazer intervenções que instiguem o imaginário das crianças. Introduzir uma conversa prévia sobre o que faremos a seguir é um modo de trazer o interesse da criança para aquilo que iremos fazer, aliando seus conhecimentos prévios àquilo que irá ser descoberto.

Se auxiliar a criança a constituir um aprendizado sobre a linguagem gráfico-plásticas e a exploração do material é importante, deve-se lembrar que a função do professor também é a de fazer com que as crianças conheçam o mundo no qual estão inseridas:

É fundamental desvelar o repertório de imagens objetivas e subjetivas, o mundo real e o da fantasia que cada criança traz de seus contextos socioculturais, pois são a partir das imagens particulares que o repertório imagético será resignificado (CUNHA, 2011, p.12).

5.2 A PINTURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Discorrer sobre a pintura na educação infantil é um pouco difícil pois não existem muitas pesquisas e autores que estudam sobre o tema. Nas escolas de Educação infantil, a pintura é pouco utilizada como uma linguagem e as crianças são limitadas a explorarem pouco do seu recurso e das diferentes formas que ela pode ser desenvolvida. Essa descaracterização é proposital pois a indiferença é um produto histórico de hierarquizações culturais e contradições teóricas que afetam diretamente a mediação pedagógica em arte, levando assim a outras formas de apropriação e criação de significados culturais (RICHTER, 2004, p.15).

É pela interação e experimentação de diferentes materiais que a criança vai constituindo repertórios gestuais que possibilitam a interpretação na convivência com outras crianças e outras imagens.

O predomínio quase absoluto da palavra, tanto oral quanto escrita (RICHTER, 2004, p.43) é muito visto nas escolas de Educação infantil. As professoras se importam muito mais em propor atividades que auxiliam nesse sentido, e pouco pensam que a educação deve levar em conta as imagens que podem ser produzidas através de tudo que o mundo oferece. Desse modo, pouco se fala na criatividade, na imaginação e o modo lúdico que entrelaça o mundo que é visto, daquele que podemos criar através da pintura e das outras linguagens artísticas.

As crianças gostam de experimentar os diferentes materiais utilizados no ato de pintar e manuseiam-nos com muita alegria, por exemplo e através da pintura, o ato de imaginar que uma determinada substância possa se transformar nas mais variadas possibilidades, torna seu aprendizado mais significativo.

Falar sobre pintura e o que ela proporciona também é falar da imaginação e da criatividade de quem a utiliza, e esse poder de imaginação, aparece logo nos primeiros anos de nossas vidas. Com isso, ao desenvolver uma situação de aprendizagem com as crianças, estamos possibilitando às crianças a simbolizarem suas sensações e sentimentos por meio de jogos construtivos sobre a matéria (RICHTER, 2014, p.59).

Dessa forma, o mundo real e o imaginário vão se desenvolvendo ao mesmo tempo, pois a medida que a criança vai descobrindo o mundo exterior através das ações que exerce, sua imaginação vai possibilitando a construção de novas possibilidades e conexões com o mundo exterior.

Conforme Piaget (1978), é a partir dos dois anos de idade que a criança vai ultrapassar a barreira da percepção para a representação pela interiorização da imitação, favorecida pela função simbólica. O seu pensamento é dominado pelo simbolismo e pela importância que ela dá aos objetos nos seus jogos simbólicos. Na sua imaginação, a criança modifica as coisas a sua vontade, mas quando expressa corporalmente, como por exemplo, na pintura, ela precisa respeitar a realidade concreta e as relações do mundo real. Entendemos assim que a função simbólica é a capacidade que a criança adquire de diferenciar significantes e significados. Por meio de suas manifestações, a criança torna-se capaz de representar um significado (objeto, acontecimento) através de um significante diferenciado e apropriado para essa representação (sendo a pintura um desses significantes). (PIAGET, 1978)

Em relação a pintura, para que possamos ajudar as crianças nesse processo, precisamos elaborar situações de aprendizagens que permitam elas explorarem e experimentarem continuamente instrumentos pictóricos, como as tintas, pincéis, papéis, etc. Como nos fala Richter:

A superação de um fazer superficial e limitado quanto a possibilidade cognitiva e poética da arte na Educação Infantil passa necessariamente por uma provocação à capacidade de reflexão de todo educador desafiado a imaginar outros modos de agir na intenção de promover situações significativas de aprendizagens para si e para as crianças (2014, p. 60).

Sendo assim, não é apenas levar para a sala de aula pincéis, tintas e folhas em branco que vamos construir com a criança o fazer pictórico, e sim pensando e repensando situações de aprendizagens que farão com que a criança possa exercitar todo seu imaginário e através disto, construir sua relação com a pintura, com o mundo a sua volta, e com o grupo de crianças na qual está inserida.

O que diferencia a pintura das demais artes gráfico-plásticas é a cor, e seu papel na educação é sempre minimizado e omitido. (RICHTER, 2004, p.48.) Se pararmos para analisar as escolas, mais precisamente as de Educação Infantil, veremos que quase não existe cores e quando elas são utilizadas, é apenas para ser verbalizada e conceituada: azul é azul, vermelha é vermelha e por ai vai.

Em sua obra, RICHTER (2004) aborda a teoria de GOETHE (p.68) que define que a cor é um sombreado, pois tem uma luz e uma não luz, nas palavras de Goethe, apud Richter (2004, p.47):

Na luz surge para nós, em primeiro lugar, uma cor que chamamos de amarela, e uma outra na escuridão, que designamos azul. Quando essas duas se misturam no seu estado mais puro, de modo que ambas se mantenham em perfeito equilíbrio, surge uma terceira cor que chamamos verde (...).

Saber disso, a meu ver, é muito importante e nas escolas pouco é utilizado esse ensinamento, não falamos sobre cores primárias, secundárias, etc. apenas mostramos as cores e passamos para outros tópicos que achamos mais importantes. Esquecemo-nos que a cor é parte integrante de nossa vida, a qual vai definir algumas de nossas emoções, experiências, vivências.

Assim como o estudo da pintura, existem poucos estudos que falam sobre a qualidade do colorido como um meio de organização do raciocínio plástico-visual (RICHTER, 2011, p.38) e normalmente só vemos a cor como um modo de preencher o vazio deixado no desenho, onde os educadores indicam as cores que as crianças devem preencher, sem ao menos dar a possibilidade das criança exercerem seu ato imaginário. Richter aponta ainda que

A cor, como conhecimento, linguagem e expressão, pouco aparece como objeto no planejamento pedagógico. A cor, como matéria possível de ser sentida, percebida e transformada pela mão infantil, não é considerada nos estudos e ações cotidianas com crianças. (RICHTER, 2011, p. 39)

Sabendo disso – e concordando com ela – é importante destacar que ao utilizar o jogo com as cores, as crianças não irão construir um conceito de cor apenas olhando uma imagem, isso para elas é muito abstrato, é preciso nomear, transformar, e falar sobre suas relações para que assim elas possam trazer o seu imaginário para a realidade.

Ao trabalharmos com pintura na Educação Infantil, nos deparamos com a questão logística, ou seja, o fato de que as crianças irão se pintar (aqui não cabe a palavra sujar, pois toda a ação pictórica é válida, e não apenas a que está no papel), e eventualmente, irão acidentalmente ou até mesmo como forma de exploração pintar as classes e umas as outras, e é preciso que o adulto tenha ciência disso e faça interações que possam proporcionar um ambiente o mais livre o possível, pois a arte precisa ser aprendida com certa liberdade, sem esquecer que nossas

escolhas nos conduzem a posicionamentos a partir de nossas experiências coletivas no contexto cultural e no reconhecimento da existência de limites. (RICHTER, 2004, p.20)

Diante de tudo o que já foi dito até aqui, acredito que no ato de brincar com as tintas, conhecer seus tons, suas texturas, suas cores, a criança tem a possibilidade de explorar, além do mundo material, o mundo que está dentro dela, com seus sentimentos, medos, sonhos. E possibilitar que isso de fato aconteça, é um grande desafio que nós professores temos pela frente.

Neste sentido, no próximo item deste capítulo, contarei um pouco da minha experiência com a Pintura junto a uma turma de Maternal 1, durante o Estágio Obrigatório Curricular do curso de Pedagogia, refletindo sobre os desafios que vivi, as experiências que tive e proporcionei as crianças, e como tudo isso ajudou-me a me constituir professora na área da Educação Infantil.

5.3 A PINTURA E O MATERNAL 1

O meu Estágio Curricular Obrigatório foi realizado em uma Instituição da Rede Pública do Município de Porto Alegre. Esta instituição tem a finalidade de atender apenas a Educação Infantil, com turmas que vão desde o Berçário 1 (a partir de 4 meses) até o Maternal 2 (até 4 anos). Em conversa com meu supervisor de estágio e a equipe diretiva da Instituição, foi decidido que eu faria o Estágio na turma de Maternal 1, com crianças na faixa etária que vai de 2 a 3 anos.

A turma de Maternal 1 era composta por 11 crianças, com idades que iam de 2 anos e 5 meses até 3 anos completos, sendo que destes, 6 eram meninas e 5 meninos. Ao todo, a equipe de educadoras da turma era composta por 4 professoras, duas no turno da manhã e duas no turno da tarde, no qual eu realizei minha prática. Uma das professoras do turno da tarde tinha formação em Pedagogia e já atuava na escola há dois anos, a outra professora, estava no segundo semestre de Pedagogia e estava atuando na escola há menos de um mês.

Meu primeiro contato com a turma do Maternal 1 deu-se duas semanas antes de começar a prática, período que chamamos de semana de observação. Nesse tempo pude interagir com cada aluno a fim de conhecê-los melhor, criar laços, saber de seus gostos e preferências, também me possibilitou ter uma perspectiva de suas necessidades e desejos. O fato de a turma não ter tantos alunos permitiu que

eu pudesse conversar com cada um e ao longo dessas duas semanas, é possível dizer que já havíamos criado um vínculo, não tão forte quanto o que eles já tinham com as outras professoras, já que uma delas já as acompanhavam desde o Berçário 2.

Antes do início das observações, é importante salientar que eu já tinha tido orientação com o meu supervisor de estágio, quando traçamos alguns pontos para que pudéssemos nortear o trabalho com a turma. Foi nesse momento que conheci o modelo de planejamento centrado nas Linguagens Geradoras (JUNQUEIRA FILHO, 2011) isso possibilitou uma reflexão prévia sobre o que eu gostaria de trabalhar com os alunos, e de que forma iria ocorrer o planejamento.

Nos primeiros dias da observação, em conversa com as professoras titulares, elas me explicaram que estavam desenvolvendo projetos de Artes, e a cada mês ia contemplando uma Arte e que, no momento, estavam realizando atividades relacionadas a Literatura, elas contavam uma história para as crianças em um dia, e nos seguintes faziam atividades relacionadas à história contada. Desde essa conversa elas me deixaram ciente que o planejamento seria feito totalmente por mim, e elas apenas iriam me auxiliar durante a realização das atividades. Naquele momento eu não achei isso correto, visto a pouca experiência que eu tinha, mas em conversa com o meu supervisor, decidimos que assim seria melhor, pois eu iria ter total liberdade e conseqüentemente minha experiência como professora da área da Educação Infantil seria maior, poderia analisar meus próprios acerto e erros.

Sendo assim, decidimos começar a prática de estágio priorizando o projeto de Pintura, inicialmente, na minha cabeça, o projeto teria duração de 4 semanas, mas, conforme me lembrou meu supervisor, os projetos de parte cheia do planejamento – como o de pintura – duram todo o ano letivo, com maior ou menor ênfase em relação aos demais projetos em andamento, tanto da parte cheia quanto da parte vazia do planejamento. Fez sentido para mim, principalmente porque o tempo foi passando, as situações de aprendizagem foram se ampliando e ficando mais complexas e o interesse dos alunos foi aumentando gradativamente.

Antes de apresentar e analisar as situações de aprendizagem que propus aos alunos, considero importante apresentar e contextualizar a rotina da turma, para podermos entender como tudo se deu. O estágio era feito durante as tardes de segunda à quinta feira, das 13:30h as 17:30h. E havia sido estruturada pelas professoras titulares da turma, juntamente com a equipe diretiva da seguinte forma:

12:30 – 13:45: Hora do Sono
13:45 – 14:00 : Despertar das Crianças
14:00: Lanche
14:30 – 14:40 : Higiene
14:40 – 15:20 : Atividade Pedagógica
15:20 – 16:00: Educação física –segundas e quarta-feira
Pátio – terças e quinta-feira
16:30: Janta
17:00 : higiene e preparação para a saída.

Quando eu iniciei o estágio, em agosto de 2016, as crianças estavam se habituando à nova professora, pois uma das professoras que as acompanhavam desde o início do ano, tinha ido embora havia pouco tempo, e com isso reiniciou-se um processo de adaptação de todos, contudo elas já se mostravam muito receptivas à nova professora. As crianças me acolheram muito bem, mas conforme o tempo foi passando, eu notava certo distanciamento de algumas crianças, isso era claro quando uma delas por exemplo, não se dirigiam a mim para solicitar alguma coisa.

A autonomia do grupo, tanto antes, quanto durante o meu estágio sempre foi estimulada, em todos os momentos: higiene, escovação, limpar-se depois de fazer xixi e cocô (poucas crianças ainda usavam fraldas, algumas utilizando apenas para dormir). Na hora da alimentação essa autonomia também era estimulada, as crianças já comiam sozinhas, mas em determinados dias, conforme o seu humor, algumas solicitavam que uma de nós as ajudasse. Embora todas as crianças tivessem suas personalidades e pudessem ser definidas por suas características próprias, havia muitas semelhanças entre elas que definiam bastante o grupo: crianças muito afetivas, comunicativas, que adoravam as rodinhas de música, e dançavam com entusiasmo, assim como todas mostravam muito interesse nas situações de aprendizagem gráfico-plásticas.

Quando propus o Projeto de Pintura, o meu objetivo inicial era proporcionar as crianças o manuseio de diferentes suportes, instrumentos e substâncias para interagirem com a pintura, focando sempre nas explorações, nas experimentações, na ludicidade, e não no produto pronto. Tive algumas dificuldades com as professoras titulares, que não esperavam que eu propusesse muitas atividades

repetitivas, mas após uma das propostas que apresentei às crianças – na qual elas fizeram pinturas em caixas de papelão, elas mudaram de ideia. Em contrapartida, desde o início as crianças se mostraram muito receptivas com as situações de aprendizagens propostas por mim, relativas à pintura, no início do semestre, muitas não queriam tocar diretamente na tinta, talvez com receio de se sujarem com a tinta, mas, conforme o tempo foi passando e as situações e propostas se diversificando, elas começaram, inclusive, a pintar seus próprios corpos e pude notar que já dominavam mais os movimentos das mãos e dos pincéis.

Dito isto, a seguir, apresentarei algumas situações de aprendizagem que considero as mais significativas durante esse período, com elas analisarei os aspectos positivos e claro, os negativos também, pois a formação de uma professora e a conseqüente educação das crianças não é feita só de acertos, mas com erros também, que nos possibilitam refletir sobre nossas escolhas e sobre como podemos melhorar.

5.3.1 Situação de aprendizagem 1

- Apresentação das Cores Primárias e Secundárias: confecção, junto com as crianças, de tinta caseira, e depois mistura-las para surgir novas cores. Após, pintura livre com a tinta utilizando pincéis disponíveis na sala de aula e folha A3.

Para começar o projeto de Pintura com as crianças, minha ideia era que ao invés de já começarmos a pintar, seria interessante apresentar as cores para elas. Apresentar no sentido de dar vida a elas, a fazer com que as crianças conhecessem o que acontece quando misturamos as cores. Como motivação prévia, no dia anterior nós lemos o livro “Bom dia Todas as Cores” de Ruth Rocha (Editora Salamandra,1999), e também passeamos pela escola para vermos as cores que predominavam nos ambientes.

Piaget (apud Ramozzi-Chiarotino, 1984,p.47) nos diz que “conhecer não é simplesmente contemplar, imaginar ou representar o objeto; conhecer exige uma ação sobre o objeto para transformá-lo e para descobrir as leis que regem essa transformação”. Pensando nisso, cheguei a conclusão que só com o passeio pelos ambientes da escola e com a leitura do livro as crianças não iriam realmente

entender e apreender o que eu queria mostrar para elas. Era preciso que elas experienciassem com as próprias mãos a matéria se transformando.

Para oportunizar essa situação, juntamos todas as mesas da sala e todos se sentaram a minha volta para ver, e as crianças me ajudaram a fazer a tinta caseira, (que consistia em 1 xícara de farinha de trigo, 1 xícara de sal e 1 xícara de água) eu solicitava que elas enchessem a caneca com os ingredientes, e elas colocavam na bacia de plástico, nesse processo, todas as crianças queriam participar, então conforme íamos colocando os ingredientes, eu passava a bacia para que todas elas pudessem ver e misturar, possibilitando a participação ativa de todas. A cada ingrediente adicionado, as crianças iam ficando mais alegres e curiosas com o resultado. Após fazermos a mistura sem cor, as crianças me ajudaram a separá-la em potes, para que pudéssemos colocar o último ingrediente, que era o corante comestível que daria a cor, quando elas perceberam que a tinta estava ganhando cor, pude notar claramente que elas se maravilhavam com aquilo, algumas até dando gritos de espanto.

Terminada a primeira etapa que era obter as cores primárias (azul, amarelo e vermelho), passamos para a mistura entre elas, obtendo assim as cores secundárias (laranja, roxo e verde). Novamente elas ficaram muito animadas com o efeito das misturas, muitas querendo colocar a mão e já começar a pintar. Misturar as cores, descobrir o que se transforma e surge quando fazemos isso, é uma forma de traduzir a teoria para conhecimento prático das crianças.

As duas etapas citadas anteriormente podem ser visualizadas nas duas imagens que seguem:



Fonte: o autor, 2016.

Imagem 2 – Colocando corante na tinta



Fonte: o autor, 2016.

Após essa etapa, passamos para a pintura propriamente dita, onde cada aluno recebeu uma folha em formato A3. A manipulação livre de instrumentos e materiais é o primeiro passo da criança na familiarização com os recursos

disponíveis para sua expressão. (GOMES,2001,p109.) Assim, antes de começarmos a pintura, as crianças tiveram a possibilidade de manusear os pincéis que iriam utilizar, bem como a folha A3, na qual elas não estavam familiarizadas por utilizar mais a folha A4.

Nessa hora, pude ter mais contato com as crianças individualmente, passando ao redor das mesas para conversar com elas sobre as cores que estavam utilizando, sobre o que estavam pintando, algumas não souberam me falar o que era outras conversavam animadamente que estavam pintando uma casa ou uma boneca. Para trabalharmos com as crianças, é preciso nos despirmos das nossas concepções do que é real e do que é imaginário diante do mundo delas, e nessa etapa tive um pouco de dificuldade inicial, pois após estudos, percebi que essa abordagem não é correta, é preciso deixar as crianças se expressarem livremente, não se importando se ela irá criar imagens concretas (CUNHA,2011).

Na realização dessa situação de aprendizagem, pude constatar que a ação de pintar é feita diariamente, e a cada vez que as crianças vão pintando, elas vão se apropriando mais dos materiais e dos instrumentos utilizados. Indo de encontro com os estudos realizados por mim:

É o prazer de poder repetir inventar novidades. Significa ajudar cada criança, através das texturas e cores da cultura, da linguagem, do olhar e da configuração de imagens/objetos, a trazer intencionalmente o humano para as coisas – poetizar o real. Um dos modos de fazê-lo é através da linguagem pictórica. (RICHTER, 2004, p.44)

5.3.2 Situação de aprendizagem 2

- Apresentação de Pintores - A vida e obra de Candido Portinari, mostra de algumas obras do pintor .

Esta provavelmente foi a situação de aprendizagem que menos deu certo durante todo o período do estágio e, mesmo assim, me possibilitou um aprendizado significativo sobre mim e sobre as crianças. Para seguir no projeto de Pintura, como já tínhamos visto as cores primárias e secundárias, achei que seria interessante mostrar para as crianças obras de artistas famosos, a idéia era possibilitar que as crianças vissem que o que elas estavam fazendo em sala de aula era Arte também, que não precisavam ser adultas para isso. No primeiro momento fizemos uma roda para eu lhes contar um pouco sobre o pintor Candido Portinari, pois em algumas

obras ele representa brincadeiras de sua infância, como crianças fazendo brincadeiras de rodas, soltando pipas, andando de gangorra. Essas obras foram mostradas no Data Show da Escola, a fim de proporcionar que as crianças vissem a obra em tamanho grande, para depois lhes alcançar as obras impressas para eles poderem tocar, pois o contato também é importante.

Mas as crianças não se interessaram muito, eu fazia perguntas que elas não me respondiam, perguntas como : “O que vocês estão vendo?” “ vocês conhecem essas cores?” “ Sabem que brincadeiras são?” logo as crianças perderam totalmente o interesse, indo brincar de outras coisas. Nesse momento eu fiquei angustiada, pois eu achei que elas iriam gostar e que iríamos ter uma tarde bem legal. A intenção era de, que depois dessa situação de aprendizagem, as crianças iriam fazer uma releitura das pinturas do artista, mas em conversa com o meu supervisor de estágio, ele provocou indagações à cerca disso, pois nesta idade, não seria adequado fazer releituras desse tipo. Como nós (tanto eu, quanto o supervisor de estágio) ainda estávamos conhecendo a turma, primeiramente ele liberou a situação de aprendizagem que mostrava as obras de Candido Portinari, mas em nossa reunião de planejamento, ele explicou que nesta idade as crianças não estão interessadas em situações de aprendizagens como essas. Aqui, vale lembrar que eu ainda não tinha me apropriado dos estudos sobre pintura.

Mas nem tudo são flores e é com esses momentos que vamos evoluindo na prática docente, através de erros e acertos que nossa prática vai se constituindo, e através de estudos sobre o assunto vi que minha abordagem estava errada, que as crianças, principalmente por serem dessa faixa etária, realmente não iriam se interessar pela pintura apenas vendo quadros, e sim na experiência de pintar é que esse interesse vai se constituindo. Se, àquela época, tivesse lido Richter, cujo livro já tinha em mãos, mas não li, quem sabe, teria evitado tal iniciativa e conseqüente frustração:

Neste momento de vida, terão muita importância para a criança suas experiências semióticas, isto é, a oportunidade de agir, representar, transitar em diferentes códigos e linguagens. É buscar estratégias de resoluções singulares na própria singularidade do meio simbólico (RICHTER, 2011, p.51).

Não considero que essa experiência não tenha sido válida foi sim uma experiência que me permitiu ver o caminho que eu não poderia seguir. Lembrava-me

de Junqueira Filho quando se pergunta se o que faz sentido ao professor faz também sentido às crianças e, agora, também tenho Richter como referência, me lembrando que a criança só vai interagir com aquilo que ela acha interessante, aquilo que lhe dá prazer.

5.3.3 Situação de aprendizagem 3

-Pintura com os pés- no pátio da escola, coloquei dois papéis pardos grandes, com bacias de tinta na frente, onde as crianças colocaram os pés e foram caminhando através desse papel.

Essa situação de aprendizagem foi realizada quase no final do estágio, quando as crianças já estavam familiarizadas com a pintura, seus suportes, matérias e instrumentos. A idéia inicial era de que as crianças pintassem com rolo os pés umas das outras, e após caminhassem pelo papel pardo, mas em conversa com o meu supervisor de estágio, ele indagou se essa atividade seria realmente interessante para as crianças e se eu via algum sentido nisso, pois parecia muito dirigida: - Como conseguir que uma criança de 2 a 3 anos se sentasse e ficasse quieta e disponível para que seu colega lhe pintasse a sola dos pés com um rolo de tinta? Mudamos para que elas mesmas colocassem os pés na bacia com tinta e caminhassem pelos papéis pardos colocados no chão do pátio da escola.

Havia dois pedaços grandes de papel pardo e entre eles um menor (na forma da letra "H") para que eles pudessem atravessá-los, dando a idéia de uma ponte. Em frente a esses dois papéis tinham bacias com tintas com cores diferentes. As crianças colocavam os pés e com o meu auxílio e das outras professoras, saiam das bacias com tintas e caminhavam por esses papéis.

No início algumas crianças não queriam participar, com medo de se sujar, mas após ver a alegria que os colegas ficaram, logo entraram junto também com muita euforia e entusiasmo. Assim, a situação de aprendizagem, que era para durar um certo tempo, acabou se estendendo até quase a hora da janta, o que eu acreditava que iria durar 30 minutos, acabou se estendendo para mais de uma hora. Elas ficaram surpresas e admiradas com as misturas das cores que ficaram impressas no papel. Tal atividade é ilustrada pela imagem 3:

Imagem 3 – Pintura com os pés



Fonte: o autor, 2016.

Essa situação de aprendizagem para mim foi muito gratificante, pois eu nunca tinha visto nada parecido, foi desafiante também, pelo modo como foi realizada, pois ao trabalharmos com pintura, não podemos fugir da “sujeira” que ela gera, que ela produz. Não queria correr o risco de empobrecer esse momento lúdico e de diversão, me preocupando com esse aspecto que faz parte do trabalho com pintura; queria garantir a oportunidade de as crianças poderem aproveitar ao máximo esse momento que, infelizmente, não ocorre quase nunca nas escolas de educação infantil. Por isso, mesmo que aquela época não tivesse lido Richter, me organizei para que tudo acontecesse de maneira contextualizada, querendo, com o sucesso daquela situação, garantir novas oportunidades como aquelas para as crianças:

Torna-se fundamental o adulto planejar sua ação em relação à organização do espaço físico para suportar o inevitável e necessário caos inicial, pois são destes momentos, com a ajuda do adulto, que emerge a organização individual e coletiva da criança (RICHTER, 2011, p.48).

Foi preciso muita organização antes, durante e depois da realização dessa situação de aprendizagem, conversas com a equipe diretiva da escola, com as professoras e principalmente com as crianças, para que no seu decorrer, não tivessem aqueles momentos que, ao meu ver, são horríveis, de gritar com as crianças, pedindo para que não sujassem o chão e as paredes da escola ou mesmo seus colegas.

Apesar de ter sido bem cansativa, a situação de aprendizagem foi realizada sem mais problemas e ao longo dos outros dias, os pais vieram conversar e dizer que tinham gostado do que havia acontecido, que nunca tinham visto nada parecido e que as crianças gostaram muito também.

Durante o período de estágio, foram realizadas muitas outras situações de aprendizagens com pintura, e, da mesma maneira, algumas foram bem recebidas pelos alunos e outras não. Tenho certeza que todas elas foram importantes para contribuírem para a minha autoconstituição como professora na área de Educação Infantil. Juntamente com as minhas colegas de estágio, e meu supervisor, pude fazer reflexões mais profundas sobre a docência e sobre como nossas escolhas, nosso repertório, nossos estudos, nosso medo, nossa ousadia afetam diretamente as crianças. Dito isto, no próximo capítulo relatarei como essa experiência de estágio, como um todo, seja a elaboração, implementação e avaliação dos projetos, seja o contato com as professoras, com a equipe diretiva e todos profissionais envolvidos e, principalmente, a relação com as crianças, foi me constituindo e vai continuar me constituindo como professora.

6 E ASSIM, VOU ME CONSTITUINDO PROFESSORA...

As análises feitas no capítulo anterior, bem como as leituras mais aprofundadas feitas na área das Artes Gráfico- Plásticas me proporcionaram uma maior reflexão sobre minha pergunta de pesquisa, a saber: No Cotidiano de uma sala de aula de Educação Infantil, em uma turma de maternal 1, com crianças de 2 a 3 anos, quais foram as contribuições de uma prática pedagógica centrada na linguagem das artes visuais, mais precisamente a Pintura, para a minha autoconstituição como professora dessa área? ”.

Para responder essa pergunta, foi preciso voltar a memória para todos os momentos do Estágio, não só durante as situações de aprendizagens envolvendo a Pintura, mas também minha relação com as crianças e com as professoras.

Ora nos defrontamos com aspectos das professoras que temos sido e que temos produzido, que nos ajudam a interpretar o vivido; ora nos deparamos com uma professora fictícia, idealizada, à qual nos procuramos ajustar, convertendo-nos em uma máscara, o que torna impossível ver nossa face (...) (FONTANA,2005, p.19)

Com esta citação quero mostrar que, durante este trabalho, me vi perguntando para mim mesma se o tipo de professora que quero ser, foi o tipo de professora que fui ao longo das 15 semanas como Estagiária da Educação Infantil, e voltando no tempo, pude perceber algumas atitudes que tive, que agora, depois de ter feito um estudo mais aprofundado sobre os temas abordados, concluo que, muitas delas, não são condizentes com a professora que quero ser.

Logo que cheguei para realizar o Estágio obrigatório, achei que seria um trabalho simples, pelo pouco conhecimento que tinha sobre as crianças de 2 a 3 anos. Durante o estágio, no entanto, fui me dando conta de quanto essa fase é complexa, desafiadora e muito importante, visto que é nesta fase que as crianças desenvolverão habilidades que levarão para a vida inteira, e se o meu trabalho como professora não for adequado, estarei privando-as de viverem algo a que elas têm direito, ou seja, momentos que propiciem o desenvolvimento dessas habilidades, momentos muito importantes na vida de um ser humano. Com o tempo fui constatando que a aprendizagem é uma via de mão dupla, pois, enquanto eu proporcionava as crianças situações de aprendizagens envolvendo principalmente a pintura, elas me ensinavam a ser professora. Sendo assim, vi que a aprendizagem

é o processo de mudança do comportamento, obtido através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais, ambientais e cognitivos. Para Vygotsky (1987) a aprendizagem e o desenvolvimento existem na criança desde seu nascimento e se iniciam muito antes da sua entrada na escola. Segundo o autor,

[...] a imitação e o ensino desempenham um papel de primeira importância. Põem em evidência as qualidades especificamente humanas do cérebro e conduzem a criança a atingir novos níveis de desenvolvimento. A imitação é indispensável para se aprender a falar, assim como para se aprender as matérias escolares. A criança fará amanhã sozinha aquilo que hoje é capaz de fazer em cooperação. (VYGOTSKY, 1987, p.89).

Já nos primeiros momentos, pude perceber que não iria ser uma tarefa fácil, pois não tinha muita experiência na área e acabei me deparando com um mundo totalmente diferente do que eu pensei. Pelo fato de ser uma pessoa que elas não conheciam ainda e, tampouco, eu as conhecia, no início, assumi uma postura mais condescendente que não cabia em determinados contextos. Em momentos que eu deveria ser mais firme com as crianças, como na hora de guardar os brinquedos da sala, logo após o momento de brincadeira livre, ao invés de eu estimular e ser firme para que guardassem os brinquedos, eu automaticamente guardava os brinquedos para elas. Naquela hora, eu não percebia que agindo assim, estava inviabilizando um trabalho sobre combinados e, conseqüentemente, sobre autonomia, uns dos aspectos mais importantes à educação de uma criança. No que diz respeito a autonomia da criança, Hickmann (2002) nos lembra que:

[...] Devemos olhar a criança como uma pessoa e que cada uma delas é proveniente de um meio sociocultural completo com uma bagagem prévia de conhecimentos originários na cultura vivida por ela, parte de uma memória individual e ao mesmo tempo coletiva. (HICKMANN, 2002,p.11)

Um trabalho docente que proporcione a autonomia das crianças, deve levar em conta a individualidade de cada uma delas e todo o conhecimento trazido por elas de seu nicho sociocultural, estabelecendo um vínculo de respeito mútuo entre professor e aluno.

Como fiz o Estágio no segundo semestre e as crianças já estavam habituadas com as outras duas professoras que já estavam com elas antes da minha chegada, no começo, tive um pouco de dificuldade de me fazer ouvir, algumas crianças se mostravam distantes de mim, não querendo atender minhas orientações e quando eu solicitava algo, automaticamente elas olhavam para as outras professoras para

terem certeza do que fazer. Isso com certeza foi um incômodo para mim, e acredito que foi por esse motivo que assumia um lado condescendente, querendo aproximar as crianças de mim.

Embora eu fosse a responsável pelo planejamento dos projetos e das respectivas situações de aprendizagem, eu compartilhava a docência com mais duas professoras, mais experientes que eu e uma delas já acompanhava a turma desde o ano interior. Levou um certo tempo até que as duas professoras e eu nos entendêssemos, entre outras coisas, pelo fato de elas não conhecerem a perspectiva de elaboração de projetos de parte cheia e de parte vazia do planejamento, sugerido pelas linguagens geradoras de Junqueira Filho (2011). Estranhavam e criticavam, dizendo que eu fazia muitas atividades envolvendo pintura, que era muito repetitivo. Foi preciso muita conversa e paciência da minha parte para que elas aceitassem o meu modo de ser e a perspectiva de trabalho que estava tentando implementar. Como elas tinham mais experiência na área e eu ainda me sentia um tanto insegura, acabei reproduzindo alguns hábitos delas que, após reflexões, entendi que não tinham a ver com a imagem de professora que eu queria ser:

Em nossas interações, ocupamos lugares sociais e históricos, que retomamos da prática cultural de nosso tempo e lugar, reproduzindo e também a transformando(...) Essa determinação tanto “delineia” quanto “delimita” as possibilidades entre as quais escolhemos. (FONTANA, 2005, p.103)

Ou seja, durante um tempo da minha prática, assumi algumas posturas das professoras que me receberam para o estágio, achava que por elas terem mais experiência do que eu, estavam certas em suas escolhas e atitudes e eu deveria acatar tudo que me era dito e fazer do mesmo modo que elas. Foi preciso muitas conversas com meu supervisor de estágio e minhas colegas de grupo de supervisão de estágio, para que eu, finalmente, me colocasse no lugar de professora da turma, compartilhando a docência lado a lado com essas outras duas professoras.

Trabalhar em grupo é uma habilidade que todos os professores precisam desenvolver, visto que é a partir da reflexão e do diálogo e claro, de nossas atitudes, que vamos consolidando nosso modo de ser professoras que, por sua vez, será aprendido pelas crianças, que prestam muita atenção nos jeitos de ser de suas professoras. Por isso, é importante que nossos alunos vejam entendimento, cooperação e unidade entre as professoras e não o contrário, um professor que

encaminha as coisas de um modo e outro que vai para um caminho completamente diferente, como, por exemplo, durante algumas das situações de aprendizagem que propus às crianças, enquanto eu me ocupava com o desenvolvimento da situação que havia proposto e das interações das crianças com a linguagem em questão, uma das professoras parecia mais preocupada que as crianças acabassem logo para seguirmos para outros momentos da rotina. Seguidamente, via que esse tipo de atitude deixava as crianças um tanto quanto confusas, a medida que umas continuavam envolvidas com a proposta e outras já estavam lavando as mãos, tendo sido retiradas da mesa por uma dessas professoras. Isso ao meu ver, é um ponto negativo pois apressa a criança que está em pleno envolvimento e desenvolvimento da situação. Além disso, confunde as crianças que, afinal, não sabem se podem estar à vontade, envolvidas com a situação, ou se precisam apressar-se, para lavar as mãos e seguir para o próximo momento da rotina.

Em relação, mais especificamente, a minha constituição docente pela via do projeto de Pintura, sobre o qual me debrucei a maior parte do estágio obrigatório, considero, infelizmente, que realizei uma prática muito mais centrada na intuição e escolhia e propunha as situações de aprendizagem mais por instinto do que pela leitura de autores que as recomendaram ou me inspiraram, acreditando que os alunos já tinham saberes necessários para realizá-las.

A abordagem espontaneísta no encaminhamento do trabalho com as artes gráfico-plásticas refere-se ao fato de o professor não refletir sobre a gênese dessas linguagens, avaliando que apenas levando materiais para a sala de aula, as crianças automaticamente já saberão o que fazer com o que lhes é apresentado, perdendo a oportunidade de transformar aquela proposta numa situação de aprendizagem a todos, em que pode instigar os alunos a desenvolverem suas habilidades e sua relação com aquela linguagem e, conseqüentemente, com a professora que a selecionou, a planejou e a apresentou a elas, visando determinados objetivos. Foi lendo Cunha (2011) que conheci os prejuízos dessa abordagem.

Essa postura, por mim utilizada sem me dar conta, deixava claro todas as vezes em que eu fazia meus planejamentos sem ponderar se aquela situação de aprendizagem seria interessante ou não para as crianças. E em conversas com o meu supervisor de estágio, que com todo seu conhecimento, me instigava a fazer uma reflexão sobre o que eu pretendia com cada uma daquelas situações, sempre

insistia e me motivava a buscar fundamentação teórica e realizar um estudo mais aprofundado, dizendo que, ao ter acesso à literatura sobre a linguagem em questão, teria mais elementos para avaliar e fazer escolhas mais consistentes, escolhas essas que, inclusive, me deixariam mais seguras sobre o que estaria propondo às crianças.

Ao final das leituras realizadas ao longo deste trabalho e das reflexões possíveis sobre o que vivi ao longo do estágio, concluo que, para que eu me constituísse um pouco mais e devidamente como professora na área da Educação Infantil, foi preciso um estudo mais aprofundado sobre os objetos de conhecimento-linguagem que deram origem aos projetos desenvolvidos com meus alunos, para que eu entendesse não só as especificidades de cada objeto de conhecimento-linguagem abordado em cada projeto – como o de pintura, por exemplo –, como de que maneiras poderia apresentá-lo às crianças e compreender muitas das características das interações das crianças com esses objetos de conhecimento. Mas, para isso, era preciso também ter estudado sobre como acontece o processo de aprendizagem das crianças. Em linhas gerais, o que ficou evidente é que a formação dos professores se dá num ato contínuo, de estudos e reflexões do fazer docente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este Trabalho de conclusão de Curso, não consigo deixar de refletir sobre o quanto eu mudei desde quando comecei minha vida acadêmica, afinal, foram ao todo, entre idas e vindas, 10 anos nesta instituição, e desde o início tinha um grande interesse pela alfabetização e por tornar-me professora dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Foi uma grande surpresa para mim, e talvez para o Professor Gabriel de Andrade Junqueira Filho, supervisor do meu Estágio Curricular Obrigatório e agora meu Orientador de trabalho de conclusão de curso, minha opção em fazer o Estágio em Educação Infantil, pois como eu tenha um filho em idade aproximada das crianças em que iria atuar, me senti instigada em saber como se dava o processo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças desta faixa etária.

No início, achei que seria fácil, pois ainda tinha pouca informação sobre as crianças pequenas e partia do princípio que poderia usar mais minha intuição e aprendizados como mãe de um bebê de 1 ano e 6 meses, mas ao longo do percurso pude perceber que a Educação Infantil é uma etapa muito importante na vida das crianças e para isso os professores precisam estar bem preparados para o que virá, acolhendo-as com projetos que consideram fundamentais para sua educação, seu desenvolvimento, suas aprendizagens, como os projetos de parte cheia do planejamento, por exemplo, recomendados por Junqueira Filho (2011).

Durante o estágio, elaborei e desenvolvi junto às crianças projetos de trabalho que me instigaram a refletir se a minha versão de professora-estagiária em formação que atuava na sala de aula do Maternal 1 era a professora que eu queria ser de verdade. Foi doloroso descobrir que não gostaria de ser aquela professora que estava sendo no início, e com ajuda das minhas colegas e do meu supervisor, pude começar a trilhar o caminho que acreditava ser o certo para mim.

A partir dos Estudos feitos para essa Pesquisa, cada dia tinha mais certeza que a formação docente vai se constituindo pouco a pouco e que não estamos sozinhos nessa caminhada, afinal trabalhamos lado a lado com outras pessoas e aprendemos ensinando os alunos, assim como eles aprendem conosco.

Trabalhar com a perspectiva de um Planejamento centrado nas Linguagens Geradoras (JUNQUEIRA FILHO, 2011) foi um desafio muito grande para minha vida

profissional, visto que antes do Estágio, eu não tinha conhecimento sobre ele, o que não é ruim, pois isso me possibilitou conhecer várias formas de planejamento, enriquecendo minha formação.

O trabalho com as Artes gráfico-plásticas, mais precisamente a Pintura, possibilitou-me conhecer nuances da aprendizagem tanto das crianças quanto minha que antes eu não conhecia, e que com certeza espero poder aprofundar mais em futuros estudos e práticas.

Seria errado dizer que tanto a experiência do Estágio, quando a produção desta pesquisa, me constituíram totalmente como professora da área da Educação Infantil, pois acredito e continuarei acreditando que o fazer docente se constitui dia após dia, através da convivência com nossos colegas de profissão, com as equipes diretivas das instituições as quais pertencemos, e principalmente com a relação que temos com os nossos alunos. Além de estudar muito, de ler as obras clássicas sobre cada aspecto do nosso trabalho e de atualizar-se lendo as publicações mais recentes sobre a nossa área.

Espero que este trabalho contribua para que outros professores, assim como eu, possam ver que a Pintura é muito mais que apenas oferecer tintas e pincéis para as crianças, e que vejam que a reflexão sobre a própria prática docente é muito importante para a nossa formação.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, C. et al. Et al. **Re-thinking case study: notes from the second Cambridge Conference**. Cambridge Journal of Education, 6.3. 1976.
- BRASIL, Ministério da Educação. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Volume 3. 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da. A importância das Artes na Infância. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da (org.) **As Artes no Universo Infantil** Porto Alegre: Mediação, 2014.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Pintando, Borrando, Rasgando, Desenhando e Melecando na Educação Infantil. In: Cunha, Susana Rangel Vieira da (org.) **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- FONTANA, Roseli A. Cação **Como nos tornamos professoras?**- 3.ed Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.
- GOMES, Paola Basso Menna Barreto. Os Materiais Artísticos na Educação Infantil. In: CRAIDY, Carmem Maria e KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. (org.) **Educação Infantil – Pra que te Quero?**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- GOETHE, J.W.Von. **Doutrina das cores: J.W.Goethe**. Apresentação, seleção e tradução de: Marco Giannotti. São Paulo: Nova Alexandria, 1993.
- HICKMANN, Roseli Inês. Ciências sociais no contexto escolar: para além do espaço e do tempo. (Org.) In **Estudos sociais: outros saberes e outros sabores**. Porto Alegre: Mediação, 2002, p. 10-19.
- JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Linguagens Geradoras – Seleção e Articulação de Conteúdos em Educação Infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- PIAGET, Jean. **Fazer e compreender**. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1978
- RAMOZZI- CHIAROTTINO, Z. **Em busca do sentido da obra de Jean Piaget**. São Paulo: EPU, 1988.
- RICHTER, Sandra. Manchando e Narrando: O prazer Visual de Jogar com as Cores. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da (org.) **Cor, som e movimento: a expressão**

plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre: Mediação, 2011.

RICHTER, Sandra- **Criança e Pintura – ação e paixão do conhecer.** Porto Alegre: Mediação,2004.

RICHTER, Sandra .Crianças Pintando: experiência lúdica com as cores. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da (org.) **As Artes no Universo Infantil.** Porto Alegre: Mediação,2014.

RICHTER, Sandra – Infância e imaginação: o papel da arte na educação infantil. In: PILLAR, Analice Dutra (org.). **A educação do olhar no ensino de Artes.** Porto Alegre: Mediação,2011

VIGOTSKY, Lev . **Pensamento e Linguagem.** São Paulo:Martins fontes, 1987